

EXTERMINISMO EM E. P. THOMPSON: LUTA DE CLASSE E HUMANISMO

RICARDO MÜLLER*

RESUMO

O artigo reavalia criticamente segmento da obra política de E. P. Thompson – em particular, as tensões entre as categorias de exterminismo e luta de classe, como expressão das contradições entre os conceitos, e o sentido de realismo de sua obra. Por essa perspectiva, avaliamos as condições de atualização e/ou ressignificação da categoria exterminismo, e como essa categoria pode ser “aberta” e operar como mediação para identificar e classificar diferentes níveis e formas contemporâneas de exterminismo; as contradições entre as formas de violência e as condições de cidadania e a perda do sentido de humanismo no contexto atual das relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: exterminismo, luta de classe, humanismo.

ABSTRACT

The paper analyses pieces of E. P. Thompson’s political writings. It primarily focuses the categories of class and experience and the sense of realism his work conveys. The arguments point out aspects related to Thompson’s practice, thought and engagement, and state the theoretical and political debates in which Thompson was involved such as: his conception of socialist humanism and protest as a mode of struggle and/or class struggle; his criticism towards the concept of market, and its place within any approach of capitalism; the category of exterminism and the notion of disaster it conveyed and his concern to build alternatives to cold war.

KEYWORDS: exterminism, class struggle, humanism.

Introdução

Este artigo analisa um segmento da obra política do historiador inglês de tradição marxista E. P. Thompson, em particular as tensões entre as categorias *exterminismo* e *luta de classe*, como expressão possível dos conflitos entre os projetos políticos historicamente implicados por essas categorias.¹ Ao mesmo tempo, examinamos como a obra de Thompson também se move entre os princípios da razão e da utopia e o sentido de realismo de seus projetos. Um dos autores mais influentes, polêmicos e citados nos campos da História e das Ciências Sociais, Edward Palmer Thompson (1924-1993) possuía um estilo elegante, objetivo, de fina ironia e era hábil orador. Sua obra é mais reconhecida por seus estudos sobre a formação da classe trabalhadora inglesa, o que o levou a rever criticamente o conceito de classe e a propor uma compreensão dialética particular sobre as relações entre classe, experiência e consciência. Outra contribuição fundamental de Thompson é sua permanente reafirmação da importância do diálogo entre teoria e empiria em qualquer pesquisa – como pode ser verificado em suas críticas de 1978 a Louis Althusser e ao estruturalismo e sua influência sobre o marxismo,² e, mais tarde, no início dos anos de 1990, a Raphael Samuel e outros historiadores ingleses por sua sedução pelas tendências pós-modernas e sua aceitação na História Social.³ No Brasil houve uma recepção fragmentada e diferenciada de suas obras e, proporcionalmente, foram traduzidos poucos livros e artigos, como indicado no importante estudo de Marcelo Badaró Mattos.⁴ Como o tema do exterminismo não gerou estudos sistemáticos no Brasil, dedicamo-nos à sua investigação na perspectiva crítica proposta por E. P. Thompson, inclusive pela síntese que permite sobre sua obra.⁵

Nesse sentido, avançamos alguns elementos para avaliar criticamente – ainda que de forma introdutória – as condições de atualização e ressignificação da categoria *exterminismo*, e como essa

categoria, proposta por Thompson, pode ser “aberta” e operar como mediação para se identificar, classificar e interpretar diferentes níveis e mecanismos contemporâneos de exterminismo; as contradições entre as formas de violência e as condições de cidadania no contexto atual das relações sociais. Assim, avaliamos como a noção de exterminismo responde às perguntas e proposições de Thompson, à sua inquietação – já que, de seu ponto de vista, essa categoria, em sua tensão, expressa o processo de transformação das relações sociais e, no limite, sua causa de defesa da razão e da liberdade. Ou seja, nesse processo pode-se apreender e questionar a relação entre realismo, razão e utopia em sua obra e seus projetos e estabelecer as relações necessárias entre teoria e prática para uma abordagem crítica do cenário político e intelectual contemporâneo, contraditoriamente marcado por expressões de aparente desrazão e/ou irracionalismo.

Finalmente, discutimos a condição de realismo que permeia esses processos, seus fundamentos e decisões. Desse modo, é necessário confrontar as condições definidas por Thompson para validar a categoria exterminismo (com base, por exemplo, em suas reivindicações de alternativas à diplomacia da Guerra Fria e sua perspectiva de transformar o “teatro de guerra” em “teatro da paz”, sobretudo no espaço da Europa); recolocá-la em contraposição a episódios e processos político-militares recentes (desde os movimentos de ameaças, preparação, invasão e ocupação do Afeganistão e do Iraque pelos EUA e aliados, até os novos fatos desencadeados pelos processos de sabotagem e resistência interna e os associados à desocupação dos territórios); confrontar essa categoria aos recentes eventos que recolocam em evidência o cenário da Guerra Fria, como a atual crise e as relações internacionais envolvendo União Europeia, Rússia, Ucrânia e Criméia, bem como a presente conjuntura do Brasil, em relação às questões envolvendo a transformação dos movimentos sociais no país, a crescente

desumanização dos sujeitos e das relações sociais e de classe, e sua articulação à ocorrência de episódios de violência.

Os argumentos do presente artigo se baseiam fundamentalmente nas reflexões e proposições de E. P. Thompson que defendem a relevância e a atualidade da categoria exterminismo, por ele proposta, pois corresponde à atualidade do fenômeno que objetiva. Como supõe uma dialética de princípios (a ameaça de exterminismo e ações antiexterministas), essa categoria opera elementos úteis para, ao mesmo tempo, reavaliar possibilidades teóricas e analisar a dinâmica social e aspectos do cenário político contemporâneo. Oferece também um amplo campo de mediações e favorece alternativas de pesquisa e o confronto entre esses temas e diferentes abordagens no campo da teoria social.

A obra de E. P. Thompson reafirma a importância de um diálogo permanente entre teoria e empiria. Dessa forma, um dos princípios metodológicos básicos de sua metodologia reside em sua exigência – e habilidade – de articular a teoria à pesquisa empírica, destacando a historicidade das categorias. Ao mesmo tempo, um dos objetivos fundamentais de seus projetos é formar objetivos e aspirações para aqueles submetidos a circunstâncias políticas adversas e que precisem estabelecer e defender sua própria opinião política. Por isso, os estudos de Thompson valorizam a importância da *práxis*, envolvendo as práticas, as experiências, aspirações e os valores comunitários da classe trabalhadora.

Para Thompson, o *dissenso* e os movimentos de oposição podem obter vantagens e direitos efetivos para a classe trabalhadora. Tal noção de dissenso implicou, em primeiro lugar, um confronto com as correntes comunistas que não admitiam nenhuma perspectiva de mudança na ortodoxia estabelecida, sobretudo durante a hegemonia do stalinismo. Em segundo, articulados à noção de dissenso, o método e as categorias que Thompson propôs questionam abordagens ortodoxas de pesquisa

das relações sociais e dos mecanismos de interação humana, incluídas aí também suas críticas ao funcionalismo e ao estruturalismo, por exemplo.

Assim, seu método é singular por articular, de forma construtiva, questões teóricas, aspirações políticas e processo histórico. Como já afirmamos, o pré-requisito dessa abordagem é o de que toda análise teórica deve ser apreendida na medida do diálogo entre teoria e prova (evidência), teoria e pesquisa empírica e na prática da “ação humana” (*agência/agency*), sem abandonar a atuação política consciente e coerente. A identificação e a análise dos *sujeitos* envolvidos na construção de seus próprios destinos tornou-se o principal foco de seus estudos e define uma relação de compromisso entre sua própria atuação e o que Thompson considerava um movimento histórico democrático. Com base nesse compromisso, toda política, história e teoria socialistas devem participar desse *processo de democratização*.

Além de seu trabalho teórico e historiográfico, Thompson desenvolveu também intensa atividade política orientada por sua concepção de socialismo e pela defesa de seus ideais. Sua presença em movimentos pacifistas – e na organização de documentos, ensaios e livros, para realizar uma análise de conjuntura e fundamentar seu engajamento e dos demais grupos –, as polêmicas em que esteve envolvido e seu ativismo político, associados à importância atribuída aos temas relacionados às lutas dos trabalhadores – compreendidas como expressão de processos de luta de classe e/ou de resistência –, e sua contribuição para a elaboração de uma “história vista de baixo”, distinguem-no como um dos mais influentes intelectuais ingleses.

O fenômeno do exterminismo

Segundo Thompson, no contexto da Guerra Fria, a Grã-Bretanha assumiu o papel de base avançada da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Frente a um eventual ataque da então União

Soviética, o objetivo seria o de diversificar os alvos e, sobretudo, evitar um ataque aos EUA, tornando russos e britânicos as principais vítimas do conflito. Ainda segundo Thompson, a subserviência aos EUA constituía o principal compromisso britânico com a Otan e os contrários a essa posição eram considerados rebeldes e opositores do consenso: a retórica da Guerra Fria reafirma a tônica da perseguição ao inimigo interno.⁶

Em resposta a essa situação, no início dos anos de 1980, na Inglaterra e na Europa, militantes ativos na campanha pelo desarmamento unilateral concluíram que havia um problema central no equilíbrio de poder criado pela Guerra Fria. Entre outros aspectos, as evidências demonstravam que nenhum dos blocos em antagonismo (EUA e União Soviética) poderia “ganhar a guerra”. Como ainda se acreditava que uma *razão democrática e popular* pudesse ser construída e prevalecer, o sentido da luta deveria ser repensado e se concentrar no questionamento e enfraquecimento do conflito e de suas premissas ideológicas. Nessa perspectiva, a Europa era o ponto de tensão do sistema da Guerra Fria:

Pela primeira vez, desde a resistência do período da guerra, ronda um espírito na Europa com uma aspiração transcontinental. O Outro que nos ameaça está sendo redefinido – não como outras nações, nem mesmo o outro bloco, mas como as forças que levam ambos os blocos à autodestruição; não “a Rússia” ou “os Estados Unidos”, mas suas instituições ideológicas, militares e de segurança e suas oposições ritualísticas.⁷

Um dos militantes mais ativos desses grupos era justamente E. P. Thompson.

Após os *eventos de 1956*,⁸ Thompson rompe com o Partido Comunista Britânico, torna-se porta-voz e defensor de uma concepção humanista de socialismo⁹ e figura chave na formação e organização da Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CND) no fim dos anos de

1950.¹⁰ Segundo o autor,¹¹ as linhas básicas da política de neutralidade ativa, advogadas desde os primeiros momentos da Nova Esquerda (*New Left*), foram discutidas nos conselhos da CND e defendidas no “Manifesto de 1º de Maio” (*May Day Manifesto*), em 1968.¹²

Nesse sentido, Thompson progressivamente se especializa em assuntos militares e recorre às ferramentas conceituais da história social e da análise política para estudar novos conceitos e problemas nos campos de análise histórico-política de segurança, temas estratégicos e tecnologia militar.¹³ Nesse movimento, em 1980, Thompson se afasta da pesquisa histórica específica, coloca-se à frente de um movimento político internacional pelo desarmamento e pela paz e propõe a categoria exterminismo: tornava-se necessária uma atitude teórica e política diferente, inovadora, para apreender as rápidas e violentas transformações do processo histórico – acompanhadas pela formação de um novo *objeto*, com características aparentemente irracionais, que poderia *exterminar* toda a população mundial, mas também propiciar mobilizações contra essa ameaça.

Nesse contexto, Thompson percebe a existência de “uma dinâmica interna e de uma lógica recíproca que requerem uma nova categoria de análise” e elabora a categoria exterminismo, mais adequada para examinar essa nova realidade.¹⁴ Ele sustenta:

Necessitamos uma categoria nova para definir esta época clara de confronto nuclear – e isso não significa que, mediante um gesto de varinha mágica, seja necessário renunciar a todas as categorias anteriores ou que não funcionem mais as forças históricas anteriores. (...) Não se trata simplesmente de uma questão de força, mas também de legitimidade. Onde nenhuma forma de poder está legitimada pela responsabilidade civil e por um processo aberto como esperado, uma forma de poder talvez ceda lugar a outra. Cada uma dessas formas de poder é tão legítima ou ilegítima quanto a outra.¹⁵

Em seus textos Thompson não define de forma direta e sintética a categoria exterminismo. Mas é possível identificar algumas de suas

características básicas:

Ofereço com plena seriedade a categoria de “exterminismo”. Por “exterminismo” não designo uma intenção ou uma previsão criminosa nos atores principais e não reivindico ter descoberto um novo modo de produção “exterminista”. O exterminismo designa as características de uma sociedade – expressas, em diferentes graus, em sua economia, política e ideologia – que a impelem em uma direção, cujo resultado deve ser o extermínio de multidões. O resultado será o extermínio, mas isso não ocorrerá acidentalmente (mesmo que o disparo final seja “acidental”), mas como ‘a conseqüência direta de atos anteriores da política, da acumulação e do aperfeiçoamento dos meios de extermínio e da estruturação de sociedades inteiras, dirigidas para esse fim. (...) O exterminismo requer, para sua consumação, pelo menos dois agentes que entrem em colisão. Mas tal colisão não pode ser atribuída ao acaso, se ela foi há tanto tempo prevista, e se ambos os agentes, por uma política deliberada, se dirigiram a um rumo acelerado de colisão. (...) O exterminismo é uma configuração cuja base institucional é o sistema de armamentos e todo o sistema de apoio econômico, científico, político e ideológico a esse sistema (...). Daí o caráter do exterminismo nos anos [1980]. O exterminismo se confronta consigo mesmo. Ele não explora uma vítima, como o princípio do imperialismo: o exterminismo enfrenta um igual. Cada tentativa de dominar o outro traz à existência uma contraforça equivalente e gera suas próprias contradições internas.¹⁶

Dessas afirmações depreende-se que, para Thompson, a Guerra Fria não constitui um “sistema”, mas um complexo baseado especialmente na dinâmica da política de armamentos e na competição entre dois sistemas. Por isso, em seus artigos sobre exterminismo e em suas respostas aos críticos, Thompson se refere aos termos “recíproco” e “reciprocidade” para destacar as relações entre os sistemas. Explica que essa perspectiva não revela uma definição categórica, mas um processo histórico de formação mútua: reciprocidade (e incitação mútua) em armamentos, hostilidades ideológicas, segurança interna, controle de Estados-clientes e satélite, etc. Assim, Thompson não propunha uma identidade entre os blocos, mas a sua reciprocidade: a interação de ambos os blocos criava um “problema nuclear” internacional e uma situação de equivalência entre eles.¹⁷

Em *Beyond the Cold War*, Thompson afirma que a Guerra Fria “diz

respeito a si mesma”. Em 1991, observa que a Guerra Fria deveria ser percebida como “as consequências de consequências”: havia “se libertado das circunstâncias presentes em sua origem e tem adquirido um impulso inercial e independente próprio”. Mas, na medida em que a Guerra Fria se tornou ela mesma uma articulação de “sistemas”, esse processo tende a não exigir a dissolução total das rivalidades intersistêmicas anteriores, que podem ser incorporadas como parte da própria força motriz das incitações ideológicas.¹⁸

Para além de suas feições básicas em termos de imperialismo e militarismo, os sistemas correspondentes a esses blocos são complexos militares e industriais que a população civil é induzida a sustentar (por meio de investimentos, impostos, quotas de trabalho, etc.) contra sua vontade. Em sua lógica perversa, o processo político serve tão somente para legitimar e justificar sua própria reprodução. Para reproduzir o sistema, as elites governantes

(...)precisam de uma situação permanente de guerra para legitimar sua dominação, seus privilégios e prioridades; silenciar o dissenso, exercer a disciplina social e desviar a atenção da evidente irracionalidade da operação. Habituararam-se tanto a esse modo, que não conhecem outro modo de governar.¹⁹

Embora pareça um movimento racional, no qual os agentes participantes tomam decisões aparentemente racionais, no âmbito do processo desenvolve-se uma lógica perversa, um sistema de autogeração e um estado generalizado de inércia na direção da destruição total – a “tecnologia do apocalipse” oferece sua própria previsibilidade: o extermínio da civilização, especialmente no hemisfério norte.²⁰

Nesse sentido, o aspecto mais controverso de sua interpretação sobre o complexo da Guerra Fria talvez seja a rejeição de Thompson às noções de imperialismo e militarismo, associadas, segundo ele, a circunstâncias convencionais ou específicas, cada uma expressando

diferentes níveis ou aspectos de uma crítica ao capitalismo: inadequadas, portanto, para a análise desse novo cenário. Segundo Thompson, ambas traduzem um forte conteúdo ideológico e, em sua formulação, expressam a ideia de um sistema racional de início, mas que, ao fim, pode provocar sua própria implosão irracional.²¹

Por exemplo, dada a eficiência da tecnologia nuclear, os minutos restantes na iminência de uma crise em que se faria uso dos sistemas especiais de “lançamento imediato diante do sinal de alerta” (Launch-On-Warning/LOW) não permitiria tempo para negociações políticas ou outras iniciativas.²² Se os processos internos em cada bloco operavam de modo distinto, a tendência continuava a mesma, a de uma dinâmica de guerra que se auto-reproduzia indefinidamente. As noções convencionais de luta de classe não respondiam à urgência da situação, que exigia novas definições e decisões mais ágeis. As interpretações tradicionais sobre os processos e estratégias de luta de classe e sobre o imperialismo não deveriam ser negadas, mas seriam insuficientes para compreender o novo contexto, sua dinâmica e suas tendências, e oferecer respostas:

Imperialismos e lutas de classes, nacionalismos e conflitos entre públicos e burocracias, todos continuarão a funcionar com seu vigor de costume; pode ser que continuem a dominar esse ou aquele episódio histórico. Significará, antes de tudo, que uma figura nova, sem fisionomia e ameaçadora, tenha se unido às *dramatis personae* da história; uma figura que projeta uma sombra mais profunda e escura que qualquer outra. (...) E já estamos no interior dessa sombra de extremo perigo. Porque à medida que a sombra cai sobre nós, vemo-nos impelidos, nós mesmos, a assumir o papel desse personagem.²³

Conforme os argumentos de Thompson, se as bases do exterminismo eram problemáticas, as questões propostas eram e continuam relevantes: o problema central permanece, a contradição do processo, na tensão de sua expressão racional ou irracional.

Guerra Fria e teatro de sombras

Thompson demonstra como a Guerra Fria, independentemente de suas origens após a Segunda Guerra Mundial, operava com uma dinâmica própria, uma lógica interna e um conjunto específico de argumentos, o que ocultava o forte interesse dos estados envolvidos em sua continuidade.²⁴ Ele percebe ainda que a reciprocidade das relações entre EUA e União Soviética era fundamental a essa lógica, um contexto em que uma forma de ação antagonônica deveria ser sistematicamente igualada pelo antagonismo da resposta. Esse procedimento era determinante para a autorreprodução dos estabelecimentos militares e de segurança.

Thompson conclui que a ideologia e a retórica que acompanhavam tal dinâmica eram inerentes ao processo; reproduziam-se a si mesmas porque no interior dos países satélites cada movimento político ou militar deveria ser aprovado pelos governos de Washington ou Moscou, o que reforçava os mecanismos de dominação de ambos os centros, e não apenas porque “os serviços militares e de segurança, e seus funcionários públicos, precisam da Guerra Fria e têm interesse direto em sua continuidade”.²⁵

Para desenvolver sua argumentação e explicar os perigos contidos no processo político e ideológico da Guerra Fria, Thompson recorre à ideia de alteridade como metáfora. Assim, a unidade necessária no *front* doméstico seria explicada também em termos de preocupação e medo em relação aos “outros”. Dessa forma, a ameaça representada pelos “outros” consolida, uma noção geral de “nós” em oposição a “eles”. Ao perceber o “outro”, “nós” nos distinguimos em relação a ele e, se o “outro” for construído como uma ameaça, o vínculo entre “nós” é reforçado.

Thompson observa que o “vínculo por exclusão” é intrínseco à socialização humana; é tão fundamental para a formação e a consciência

de classe quanto para a construção de uma nação ou para sujeitar as pessoas a uma ideologia. Esse processo, porém, estabelece uma ameaça e, no limite, incentiva o ódio pelos “outros”.²⁶

Nas polêmicas da Guerra Fria, segundo ele, essa cultura foi artificialmente invocada para assegurar os interesses dos respectivos blocos. Ambas as culturas e identidades nacionais (estadunidenses e soviéticas) entrelaçaram-se nas premissas ideológicas do conflito e as aprofundaram cada vez mais. Nesse sentido, a Guerra Fria contribuiu para introjetar o “americanismo” na população; reforçar o mito do sonho americano, tornando-o atrativo em oposição à tirania do “outro” mundo, supostamente tirânico e sem liberdade.

Da mesma forma, a União Soviética – não obstante a repressão sistemática a todo dissenso, em qualquer nível – representava-se a si mesma como a defensora do socialismo e o Partido era o titular da resistência ao imperialismo do Ocidente. Entretanto, nenhum dos mundos era o melhor dos mundos: ambos apresentavam novas definições sobre a condição do Outro – e a necessidade da Guerra Fria revelava-se e regenerava a si mesma. Thompson reconhece que

É uma condição permanente, autorreprodutora, a que ambos os adversários estão dedicados. Os estabelecimentos militares dos adversários estão em uma relação recíproca de fomento mútuo: cada um estimula o crescimento do outro. Ambos os adversários precisam manter uma atitude ideológica de hostilidade, para forçar a disciplina ou a coesão interna.²⁷

Ele acreditava, portanto, que a Europa, em particular, atravessava uma época contraditória e difícil, ameaçada pela perspectiva do exterminismo. A primeira contribuição mais significativa de Thompson nos debates sobre a Guerra Fria – mas, sobretudo, contra a corrida armamentista, a ameaça nuclear e em nome da organização de grupos e movimentos pacifistas – é o ensaio *Protest and Survive*, de 1980, uma resposta ao documento *Protect and Survive*, elaborado pelo então

governo conservador inglês para orientar a população sobre como se proteger em um eventual ataque nuclear.²⁸

No ensaio, Thompson antevê a Europa não como um teatro de guerra, mas como o teatro da paz, resultante de pressão popular democrática.²⁹ Mas para esse cenário acontecer seria necessária uma détente internacional que assegurasse um futuro independente do sistema de guerra. Ou seja, uma vez definida uma estratégia, as contradições do papel da Europa na Guerra Fria poderiam ser usadas contra Washington, Moscou e o governo britânico. Thompson alerta: “O que enfrentamos no presente se formou historicamente e nessa medida está sujeito a uma análise racional: mas agora existe uma massa crítica no ponto de detonação irracional.”³⁰

Em suas propostas, rejeitava o jogo maniqueísta “ou-ou”, alimentado pela rivalidade Leste-Oeste e que, nesse contexto, obrigava a maioria dos Estados a escolher e assumir posições: “A Guerra Fria subjugou os povos em rebanhos pró-Atlântico ou pró-soviéticos e bloqueou qualquer ‘terceira via’ (...)”.³¹ Coerente com sua defesa do humanismo, ele observa: “Já estamos em risco – Grã-Bretanha, Europa, civilização, o projeto humano (...)”. Lembra também que há uma diferença importante nesse contexto:

Na “nova geração” de armamentos nucleares poderíamos controlar os riscos imediatos e manifestos por algum tempo, enquanto o poder autoritário (e sua simultânea manipulação das ideias) torna-se cada vez mais presente e intervencionista e somos levados na direção de uma contingência imprevisível, não planejada, uma derradeira detonação. Na política de neutralidade ativa, deveríamos assumir um risco imediato e consciente que, caso sobrevivêssemos, engendraria novas possibilidades humanas.³²

Tal como considerou seu ensaio anterior, *The Poverty of Theory*, um trabalho polêmico, para debate e intervenção no campo da esquerda, e não um texto acadêmico, Thompson afirma que suas observações são fragmentos de um raciocínio, de uma argumentação, mas, sobretudo,

questões e problemas dirigidos ao imobilismo da esquerda.³³ Sua conclusão era a de que se essa lógica não fosse corrigida, ela seria terminal:

Devemos correr o risco. Pois só podemos acabar com a Guerra Fria de duas maneiras: pela destruição da civilização europeia ou pela reunificação da cultura política europeia. A primeira acontecerá se os grupos dominantes nos superpoderes rivais, percebendo que os argumentos estão mudando (...) e que seus estados-satélites estão se tornando mais independentes, compensarem essa perda de influência política e econômica com um aumento de medidas de militarização. (...) É o que acontece agora. O resultado será terminal. Mas podemos enxergar uma pequena abertura na direção da outra alternativa. E, se acreditamos que essa alternativa é possível, devemos redefinir nossas prioridades. Não devemos investir mais nada em mísseis, mas sim o máximo em nossa capacidade de comunicação e diálogo.³⁴

Nessa perspectiva, para Thompson, a categoria exterminismo poderia orientar a análise de conjuntura e estratégias (como a elaboração de uma agenda e a promoção de atividades – proposições, lutas e protestos). Assim, reconhecer o objeto de análise como “irracional” não seria um equívoco ou uma atitude ingênua ou niilista. Ao contrário, deveria motivar a busca de uma nova teoria que, referida também a uma análise de classe, permitisse compreender os acontecimentos e “agir em consequência”: lutar pela razão; encontrar e definir formas de racionalidade voltadas para estratégias de luta e ações contra a situação denunciada. Seu “apelo à razão” convoca a todos para novas campanhas.

Teatro de luzes e antiexterminismo

Ao longo dos anos de 1980, a construção dessa estratégia antiexterminista exigiu muito de seu tempo e dedicação e incentivou várias formas de resistência popular. Uma resistência necessária porque, afirmava Thompson, a política da Guerra Fria se estruturava de tal maneira que a ideia de extermínio da sociedade seria coerente com a lógica do processo.

Como afirmamos, a partir de 1980 Thompson interrompeu sua dedicação mais sistemática à pesquisa histórica e, ao lado de antigos(as) companheiros(as), dividiu a liderança de um movimento político internacional de caráter pacifista. Em abril desse ano, afastou-se da liderança da CND e fundou, ao lado de Ken Coates (da Bertrand Russell Peace Foundation) e de Mary Kaldor, a Campanha pelo Desarmamento Nuclear Europeu (Appeal for European Nuclear Disarmament/END) – um movimento pan-europeu para combater os interesses políticos e militares dos Estados Unidos e da União Soviética na Europa, entre outros objetivos. Em seguida, tornou-se um de seus principais líderes.³⁵

Seu objetivo na END era reverter as bases e decisões da Conferência de Yalta, afastar e reduzir a influência de ambas as superpotências sobre o continente europeu e romper o ciclo de militarização, a seu ver, duramente imposto sobre a população. Ao lado de seus companheiros na END (em suas ramificações britânica e europeia), Thompson sensibilizou a opinião pública, para além das preocupações usuais sobre mísseis e foguetes, na direção de um debate mais amplo sobre questões políticas relativas ao período pós-guerra. Ele buscava formas de organização e estratégias de resistência às correntes políticas dominantes da era da Guerra Fria.

Assim, a tradição de uma política libertária aliada ao pacifismo nuclear tornou-se o eixo de sua atividade política. O eixo central dessa estratégia é a união mediante a luta – união capaz de articular os interesses organizados ao longo do processo histórico, mas, em algum momento, conflitantes. Thompson considerava que as reivindicações pelas liberdades civis poderiam representar um catalisador para os movimentos populares e consolidar perspectivas mais consistentes para a luta de classes. Reconhecendo a importância política e estratégica da END, Thompson sempre reafirmava sua convicção sobre a necessidade de maior apoio para suas campanhas.

O programa desenvolvido pela END procurou traduzir e representar um novo radicalismo popular capaz de enfrentar as motivações da Guerra Fria e seu *status quo*. Seu projeto era o de estabelecer a autonomia da Europa e garantir as condições de sua manutenção. O movimento considerava o cenário do teatro europeu como um todo, ocupando uma posição única, pois oferecia pontos de acesso para o desenvolvimento de um processo de deslegitimação da Guerra Fria, a partir da própria arena de embate entre União Soviética e EUA.³⁶

Embora caracterizados por um profundo pessimismo e uma perspectiva apocalíptica rara em sua obra, os ensaios de Thompson sobre exterminismo concluem com a formulação de propostas para reverter a situação analisada e uma visão mais otimista. A lógica exterminista, elaborada na perspectiva do confronto com o “outro”, e as relações de poder que engendra, devem ser sabotadas, combatidas e superadas; a resistência popular é que poderia apresentar uma alternativa humana viável. Ao final de seu artigo “Notes on Exterminism...”, conclama:

Dê-nos a vitória [*nesse processo*] e o mundo começará a se mover outra vez. Comece a quebrar esse campo de força e os 30 anos de impedimentos à mobilidade da política europeia (...) cederão. Nada acontecerá natural ou facilmente (...), mas se afastarmos esses blocos da rota de colisão, eles mesmos começarão a mudar. A polícia e os fabricantes e vendedores de armas perderão sua autoridade e os ideólogos as suas falas. Um novo espaço para a política se abrirá.³⁷

Exterminismo, condição humana e internacionalismo

Thompson insiste na formação de uma nova consciência. A questão da luta de classes permanece fundamental, mas o imperativo agora é a salvação da própria humanidade; ou seja, com a perspectiva do exterminismo, a causa se redefine. Em sua opinião, a luta contra o complexo da Guerra Fria havia consolidado uma base com a campanha da END. Porém, essa estratégia pan-europeia ainda requeria uma ampla

ação popular e a manutenção de suas atividades pelo menos até formar um novo discurso político e consolidar uma nova agenda entre os blocos antagonicos. Nesse contexto, o neutralismo e o não alinhamento poderiam constituir táticas adequadas para os socialistas, juntando-se a outros movimentos de libertação e de luta anti-imperialista onde possível.

Thompson via a luta pelos direitos humanos e pelo desarmamento como um processo único, um movimento unificado pela efetivação de uma genuína paz democrática.³⁸ Esta só poderia ser gerada “a partir de baixo”, já que os poderes constituídos teriam sempre interesse na reprodução do status quo. Esse reconhecimento não significava a adesão ou a proposição de uma estratégia de vanguarda neoleninista que, potencialmente, poderia provocar sectarismo e confundir as iniciativas, mas uma organização aberta às mais amplas diretrizes, “um discurso plural e de aliança”.

O fato de Thompson agregar diferentes posições teóricas e políticas em suas novas lutas (como o grupo tcheco Charta 77 (Carta 77) e o alemão Schwerter zu Pflugscharen (De espadas para arados)) não significou necessariamente um rompimento com suas convicções marxistas.³⁹ A seu ver, a diversidade do movimento, os objetivos e características da luta contemporânea, a revitalização da cultura humana em um novo contexto de relações sociais, exigiam políticas e projetos alternativos:

Não proponho um “vínculo” [baseado no modelo da] Guerra Fria, entre desarmamento e direitos humanos. Nossa recusa das armas nucleares sempre foi incondicional: esta exigência não depende de nenhuma condição prévia. Em vez disso, devemos pressionar, ao mesmo tempo em que rejeitamos as armas, para que se abram as fronteiras e as prisões. Nem a causa pacifista, nem a causa da liberdade podem esperar os respectivos avanços de uma e de outra: é natural que avancem juntas. Um degelo autêntico no Leste [europeu] fará com que a causa da paz no Ocidente não seja detida. Mais repressão no Leste alimentará a renovação da Guerra Fria.⁴⁰

Essa posição também reafirmava a necessidade de um internacionalismo antiexterminista mais abrangente, de modo a reforçar táticas que viabilizassem as frentes populares em todo o mundo. A nova estratégia internacionalista supunha uma recusa inequívoca da ideologia dos dois blocos e negava qualquer compromisso com os ideólogos do exterminismo. Sua proposta de luta-no-contexto agora representa um “imperativo humano e ecológico”:⁴¹

Esse internacionalismo deve ser conscientemente antiexterminista: deve se opor aos ditames ideológicos de ambos os blocos e incorporar os princípios da sobrevivência humana e ecológica em seu pensamento, em suas trocas, atitudes e expressões simbólicas.⁴²

Em seu artigo “Ends and Histories”, Thompson realiza uma revisão da categoria exterminismo e reflete sobre suas determinações e consequências.⁴³ Com essa finalidade, toma como referência uma passagem de seu artigo “Notes on Exterminism...”: “Era uma contradição não dialética, um estado de antagonismo absoluto, em que ambos os poderes cresciam por confrontação e só poderia ser resolvido pelo extermínio mútuo”.⁴⁴ Lembra também que aceitou as críticas de Raymond Williams e outros e as observações de que “o exterminismo havia sido superestimado e negado por alguns eventos”.⁴⁵ Ele mesmo contesta a amplitude de sua conclusão: a ideia de exterminismo pertence ao início de 1980, antes de os movimentos pacifistas começarem a atuar.

Admite que essas críticas sejam em parte verdadeiras. Mas observa que permanecem válidos muitos de seus argumentos em alerta contra a ameaça do exterminismo, como o fato de que “as economias e ideologias de ambos os lados poderiam entrar em colapso sob a pressão de uma eventual segunda Guerra Fria”. Como indicava em sua exposição inicial, sempre devem ser analisadas as bases institucionais do exterminismo: o sistema de armamentos, o conjunto dos sistemas econômico, científico, político e ideológico de sustentação (...), o sistema social que pesquisa e

produz (essas condições) e justifica, policia e mantém o sistema. Assim, Thompson ainda hesita em abandonar por completo o conceito, pois, de acordo com sua avaliação, mesmo em 1991 as bases materiais para o exterminismo permaneciam: descansam em compartimentos centrais de ambas as economias, esperando uma oportunidade para reativar sua lógica – como a constante modernização dos armamentos.⁴⁶

Por outro lado, como já comentamos, Thompson também empreendeu a organização de movimentos de resistência em contraposição à lógica exterminista: esteve envolvido na constituição de uma “terceira via”, uma alternativa de organização política dos principais movimentos britânicos (CND, END) e de sua reunião e articulação a outros movimentos pacifistas internacionais, de modo a evitar um confronto nuclear e progressivamente eliminar os blocos político-militares e a condição de alinhamento engendrada.⁴⁷ As propostas dessa terceira via defendiam o internacionalismo – hegemonicamente de caráter socialista – e a ideia de solidariedade subjacente a esses movimentos.

Os históricos acontecimentos no leste europeu a partir de 1989 e o aparente fim da Guerra Fria geraram análises apressadas por parte da esquerda britânica sobre as consequências da ruptura da União Soviética, o que também colocou em questão as condições objetivas da própria iniciativa de “détente a partir de baixo” – a estratégia adotada pela END, pela Carta 77 e por alguns movimentos, inclusive institucionalizados politicamente, como a Associação de Cidadãos de Helsinque pela Paz e Democracia (Helsinki Citizens’ Assembly for Peace and Democracy), ligado aos grupos da END liderados por Mary Kaldor. O colapso do assim chamado “socialismo real” fez crescer os debates sobre o fim do stalinismo e as possibilidades para o futuro da política radical e de esquerda. Thompson acredita que o documento *Beyond the Cold War* apresentava uma avaliação lúcida dos processos da Guerra Fria, além de

antecipar alguns aspectos dos levantes de 1989, o que, ironicamente, poderia ser um adequado posfácio a esses eventos.⁴⁸ Segundo ele, a chave era o motor ideológico da Guerra Fria e, em especial, sua última fase, que experimentou uma autorreprodução irracional, substituindo os controles associados às ideias de “segurança e interesses nacionais”, os principais argumentos e dispositivos que, para Thompson, orientaram a primeira fase da Guerra Fria.⁴⁹

As interpretações de Thompson e a de seus companheiros (como Mary Kaldor, Dan Smith, Michael Cox e Noam Chomski) procuram avaliar a continuidade do processo histórico a partir do desaparecimento de um dos grandes antagonistas. Para Thompson e Mary Kaldor (com quem trabalhou intensamente), a luta da classe trabalhadora poderia agora continuar por meio do movimento internacional pela paz, que expôs a “doença” e libertou a política do impasse em que a ideologia da Guerra Fria havia colocado o discurso político. O “outro” tão temido havia desaparecido e novos processos de mudança aparentemente não encontravam mais obstáculos ao seu surgimento.⁵⁰

Luta é movimento e Thompson lembra que as associações internacionais de grupos não alinhados (como END; Carta 77 e Fórum Cívico, na Tchecoslováquia; Schwerter zu Pflugscharen, na Alemanha; Novo Fórum e Liberdade e Paz, na Polônia; Partido e Aliança de Jovens Democratas (FIDESZ/Fiatal Demokraták Szövetsége), na Hungria) posicionaram-se no centro desse movimento e pretendiam permanecer como polos dinâmicos de luta. Para Thompson, a END colaborou para o colapso da União Soviética:

É claro, (...) nós que comemos, bebemos e vivemos o movimento pela paz (...) por quase uma década, não gostaríamos de admitir nossa total irrelevância (...): foi o movimento não alinhado pela paz no Ocidente entrando em diálogo e algumas ações comuns com os movimentos pelos direitos humanos no leste [europeu], que fizeram surgir o “momento ideológico” em que o cadeado da Guerra Fria foi quebrado.⁵¹

Entretanto, Thompson, Kaldor e Smith, enquanto aclamavam o papel da “política a partir de baixo” na dissolução do modelo de comunismo até então praticado,⁵² não perceberam as inúmeras tensões remanescentes.⁵³ Em primeiro lugar, o conflito no interior do PCUS e a direção das reformas do governo Gorbachev abriram canais para movimentos de oposição, o que, ao contrário, gerou influências “de cima” sobre o processo soviético de transformação. Em segundo, como aponta Michael Cox, o movimento pela paz foi apenas um dos elementos associados para o colapso do bloco do leste europeu – mas não com a relevância a ele atribuída por Thompson e Kaldor, que, certamente, não atentaram para a interferência de outros fatores.⁵⁴ Em terceiro, o núcleo dos participantes de movimentos pela paz no leste europeu estava alinhado a influências ideológicas anticomunistas, ou que não eram de esquerda – diferentemente do que pensava Thompson, para quem a tendência socialista seria o pressuposto básico desses grupos. George Konrad observa que o consenso político dominante estava mais à direita do centro, e John Kenneth Galbraith destaca alguns aspectos importantes, como “o triunfo da ideologia simplista”, com a progressiva dominação do “nacionalismo vulgar”; a indireta promoção do capitalismo; o crescimento do racismo e a glorificação dos EUA. Thompson, sempre cuidadoso em suas interpretações, não imaginou os futuros desdobramentos possíveis.⁵⁵

Nesse sentido, é significativa a seguinte reflexão de Thompson, pois revela a relação entre suas preocupações teórica e política, o sentido da militância coletiva e seu otimismo:

Eu e a maioria dos meus colegas (Mary Kaldor, Michael Cox, Noam Chomsky e André Gunder Frank) no movimento não alinhado pela paz, nunca previmos que a Guerra Fria terminaria em uma “convergência de dois sistemas”, nem mesmo em uma trégua negociada entre os antagonistas (exceto como uma *détente* interina). Na verdade, a estase da própria Guerra Fria dependia de um tipo de “convergência” não dialética de opostos que jogavam pelas mesmas regras. Trabalhávamos pela

substituição da Guerra Fria por sistemas de relações internacionais inteiramente novos, pelo colapso da confrontação bipolar. Se falamos de “reciprocidade”, “impulso inercial”, “dinâmica autorreprodutora”, analisamos então um processo histórico real e não “sistemas” categóricos. Assim, os acontecimentos de novembro de 1989 podem ser vistos (...) como a conclusão de uma era histórica ou o início de outra. Em uma lógica de interação recíproca, a retirada de um lado pode afetar profundamente o outro; assim como pode cair o lutador que repentinamente se vê sem seu antagonista.⁵⁶

Razão e utopia

Uma das principais motivações de Thompson em sua luta pelo fim da Guerra Fria e pela causa humanista e pacifista é a de reafirmar o imperativo da razão humana.

A edição inglesa de *Miséria da Teoria* (*The Poverty of Theory, and other Essays*), por exemplo, seria o início de uma série de livros relacionados ao tema *reasoning* – o que não ocorreu. No ensaio, Thompson apresenta suas críticas a Louis Althusser, mas, sobretudo, seu temor frente à difusão e à assimilação do estruturalismo junto a grupos britânicos marxistas e/ou de esquerda, porque “(...) não se trata apenas de um debate entre duas interpretações filosóficas opostas, mas (...) a ‘defesa da razão em si’”.⁵⁷ A intensificação da corrida armamentista nos anos de 1980 e a chegada da Segunda Guerra Fria seriam paradigmas da negação da razão, da capacidade de se raciocinar, discutir, da perda da lucidez – enfim, a realização histórica da irracionalidade. No início de “Notas sobre o exterminismo...”, ele afirma e provoca:

(...) Precisamos de uma análise teórica e de classe válida para a atual crise bélica. Sim. Mas estruturar uma análise racional sucessiva pode, ao mesmo tempo, impor uma racionalidade de consequências ao objeto de análise. E se o objeto é *irracional*?⁵⁸

É nesse contexto que deve ser localizado o percurso de Thompson – seu questionamento, protesto, suas críticas contra o absurdo aparente da corrida armamentista, a importância de colocar em xeque sua

necessidade e prioridade. Da mesma forma, essa perspectiva internacionalista orienta tal percurso e a compreensão dos elementos formadores da categoria exterminismo e as ações de resistência e contraofensiva empreendidas.

Nesse sentido – para uma avaliação de sua preocupação com as tendências das condições sociais e políticas (e teóricas e acadêmicas) em nível mundial –, em sua “Introdução” a *The Poverty of Theory...*, Thompson observa que “durante muitas décadas, temos vivido ao longo de um contínuo ‘momento de perigo’, de modo que nossa história (nossa cultura) deve estar alerta a essas condições de perigo e buscar possibilidades de uma resistência democrática”. Ele conclui:

Esta é uma época ruim para uma mente racional viver: e, para uma mente racional na tradição marxista, esse tempo não pode durar muito (...). O mundo já vivenciou diversas mudanças de cenário. Essas mudanças indicam a solução (ou a evasão) de alguns problemas, o fim de algumas questões e a presença invisível de novas questões, ainda não colocadas. A experiência (...) está irrompendo e exige que se reconstruam nossas categorias. Mais uma vez testemunhamos o ser social determinar a consciência social, à medida que a experiência pressiona e avança sobre o pensamento (...). Este é um tempo para a razão ranger os dentes. À medida que o mundo se transforma, devemos aprender a mudar nossa linguagem e nossos termos. Mas nunca devemos mudá-los sem razão.⁵⁹

Para Thompson, a reafirmação do internacionalismo seria uma dessas razões, ponto chave para ele. Em defesa de sua perspectiva, argumenta que as possibilidades de resistência democrática não podem se restringir a uma condição “nacional”, com suas variáveis e pressões particulares. Para o autor, o fato de Gramsci ter fundado seus estudos sobre uma interrogação sistemática da história e da cultura italianas não o tornou menos internacionalista. Em suas palavras, “o internacionalismo deve consistir não apenas em prestar atenção a um discurso internacional, mas em contribuir pessoalmente para esse discurso. (...). O internacionalismo supõe colaboração e troca; o debate é seu verdadeiro símbolo”.⁶⁰

Esse processo, contudo, deveria ser mais profundo para avançar.⁶¹ No mesmo texto, ao replicar as acusações de Tom Nairn de que Raymond Williams e ele representariam, na Inglaterra, um “socialismo populista”,⁶² Thompson defende a bandeira do internacionalismo socialista. Observa que, diferentemente, essa posição tem sido duramente defendida por ele e seus companheiros da “nova esquerda” (New Left), ao mesmo tempo, contra diferentes frentes de batalha: “o compromisso tem sido com um ‘internacional’ imaginário, que só adquire vida em movimentos reais e afastado, de modo inequívoco, tanto do stalinismo quanto de uma cumplicidade com as razões do poder capitalista”. Conclui que tem sido muito difícil manter esse compromisso, mas acredita que o cenário se modifique, porque, nos últimos anos, parte da esquerda parece ter “recuperado a razão”.⁶³

Na “perspectiva otimista”, segundo sua definição em *Beyond the Cold War*, o conteúdo altamente ideológico da segunda Guerra Fria fornecia aos movimentos pacifistas oportunidades para sua própria contestação e a construção de alternativas para a aproximação e a convergência entre os movimentos populares da Europa Oriental e Ocidental. Para Thompson, como as causas da paz e da liberdade devem se aproximar e se unir, “o discurso transcontinental da cultura política pode ser reassumido”.⁶⁴ Em “Exterminism Reviewed”, ele acreditava que

(essa) convergência romperá, transformará ou transcenderá as categorias de comunismo ou de social-democracia, ritualizadas e inertes há muito tempo (...). A Segunda Internacional não vai chegar a tempo e se casar com a Terceira. Novas forças e novas formas irão substituir ambas.⁶⁵

Em 1981 e 1982 essas ideias pareciam utópicas e não foram consideradas seriamente. Por isso, ele ironiza, “agora que esse tempo [1991] chegou, os dirigentes dos meios de comunicação afirmam que ninguém poderia ter antecipado esses eventos”. No entanto, Thompson recorda que em 1982 ele ofereceu uma agenda concreta.⁶⁶ Propôs, por

exemplo, que todos trabalhassem para a resolução da Guerra Fria até o ano 2000, com a retirada mútua das forças e bases militares soviéticas e estadunidenses do território europeu. Em um primeiro momento, a data parecia implausível; mas a proposta foi paulatinamente aceita pelos movimentos pacifistas europeus não alinhados. A dissolução do Pacto de Varsóvia e da Otan passou a ser um tema viável em uma nova agenda política, com etapas intermediárias e incluindo a progressiva separação das nações das alianças existentes.

Apesar de sua “perspectiva otimista” e de seu engajamento (e o dos(as) demais ativistas) pela realização dessa agenda, Thompson não subestimava a dimensão dos problemas e perigos postos para o futuro. É exatamente na análise dessa projeção que se revela sua sensibilidade política e a importância de se repensar a categoria exterminismo face, justamente, à complexidade das condições contemporâneas das relações sociais capitalistas.

Thompson inicia essa reflexão criticando a noção de “fim de história” – como ele a entendeu, e tal como a formulação de Francis Fukuyama foi majoritariamente interpretada – associada à “vitória” dos valores e vantagens da economia de mercado:⁶⁷

Como é possível que essas prestigiosas pessoas em Washington tagarelem sobre um “fim da história”? Quando olho para frente, na direção do século XXI, sofro sobre como serão os tempos que meus netos e seus filhos irão viver. Não só pelo crescimento da população, mas também pelo aumento das expectativas materiais universais da enorme população em nível global, que terá de explorar seus recursos no limite. Os antagonismos norte-sul certamente se intensificarão e os fundamentalismos religiosos e nacionalistas serão mais intransigentes. A luta para manter a ambição de consumo dentro de um controle moderado; encontrar um nível razoável de crescimento e satisfação, que não seja à custa dos pobres e desafortunados; defender o meio ambiente e prevenir desastres ecológicos; partilhar maior equidade entre os recursos mundiais e assegurar sua renovação – todos esses pontos constituem uma agenda suficiente para a continuação da história. Mas essa agenda não encontra todas as suas respostas em uma livre economia de mercado. Ao contrário, precisaremos do mais completo repertório de

alternativas (...). Entre elas, o socialismo ainda não foi desacreditado (...). O futuro mais viável pode muito bem ser um tipo de socialismo, embora, talvez, um modelo mais individualizado e verde, com fortes resistências antiestatais.⁶⁸

Considerações Finais

Segundo Terry Eagleton,⁶⁹ “com a nova narrativa global do capitalismo, juntamente com a chamada guerra contra o terror, é possível que o pós-modernismo esteja chegando ao fim (...). Afinal, foi essa corrente de pensamento que assegurou que as grandes narrativas estavam ultrapassadas.”⁷⁰ Eagleton lembra que, após os eventos de 11 de setembro de 2001, alguns termos e expressões entraram em voga nos EUA – como, por exemplo, o “mal”, os “amantes da liberdade”, os “homens maus”, “os patriotas”, os “antiamericanos”. Para Eagleton, essa terminologia não seria necessariamente equivocada: em uma perspectiva realista, paradoxalmente, reafirma que a liberdade é um *bem*, um *valor* a ser preservado. Mas a questão é outra: a força desses termos é a de sugerir que, além deles, “nada mais há a ser dito”. São antiteóricos porque contribuem para retrain a reflexão e o pensamento críticos e, às vezes, são empregados de forma agressiva e imperativa; insinuam que a teoria seja antipatriótica; que pensar seja perigoso e não se deva conhecer e analisar o que acontece. As discussões devem permanecer, a todo custo, no nível das frases feitas, de apelo moralista e acrítico.⁷¹

Não obstante seus desdobramentos e contradições, acompanhamos na última década, por exemplo, a trágica cruzada de George W. Bush contra o “eixo do mal”, que ressuscitou, até pelos termos religiosos em que foi concebida, o que Fukuyama e pensadores pós-modernos, em suas diferentes interpretações, consideravam definitivamente superado. Em seu conjunto, as hipóteses de Terry Eagleton indicavam que se forjava o construto de uma nova “missão civilizatória” (e sua matriz histórico-ideológica), como eixo da doutrina

de defesa e segurança nacional, e praticada, sobretudo, durante os governos Bush.

Nesse sentido, esse construto traduz as tensas relações, na conjuntura, entre a contraposição dos diferentes matizes de uma ideia de civilização e as bases do exterminismo, tal como formulada por E. P. Thompson. Assim, acreditamos que essa categoria adquire *particularidade* em função das relações entre sua conjuntura histórica original, a atual complexidade das relações sociais e do desenho dos processos de luta de classe e de novas questões teóricas e políticas.

Essa *particularidade* pode ser definida pela relação entre “os atentados de 11 de setembro [de 2001]” ao World Trade Center, em New York, – então um dos símbolos do poder financeiro mundial –, e ao Pentágono, e seus desdobramentos contraditórios (“choque de fundamentalismos”?) no processo caracterizado pelos ataques e ocupação do Afeganistão, em 2001, e a invasão e a ocupação do Iraque em 2003. Tais eventos representam marcos históricos e políticos, dado seu caráter *universal*. Com base em uma abordagem orientada por esse caráter, é mais factível pensar abstrações e formular hipóteses para casos particulares, como análises de política mundial e de aspectos da realidade sociopolítica brasileira, em relação à ideia de crise social e seus elementos e variantes (especialmente em termos de violência, conflito, cidadania e o princípio de segurança pública, e de direitos humanos).⁷²

Em consequência, esses eventos singulares interrogam constantemente o papel da ONU, o da Otan e o de outras agências e instituições no atual cenário mundial. Questionam o significado da presença dos EUA como estado hegemônico no contexto internacional (sobretudo após o processo eleitoral com a vitória democrata de Barack Obama, bem como a experiência e as posteriores contradições de seu governo) e os efeitos de sua projeção de poder e interferência nos eventos contemporâneos (a reorientação de sua geopolítica e estratégia

de segurança; as contradições em relação à Rússia e à China; os conflitos do Oriente Médio; entre Israel, Líbano e os grupos palestinos; a soberania desses territórios; as contradições e tensões após a chamada “Primavera Árabe”; o deslocamento induzido do “teatro do poder” e de seu cenário de guerra – do “teatro da Europa”, como pensado por Thompson, para esses conflitos; a pressão e os questionamentos sobre o programa nuclear do Irã ou o da Coreia do Norte, por exemplo) e a ressignificação de noções como “paz duradoura” e “eixo do mal” e de conceitos como classe e luta de classe. Ao mesmo tempo, em sua singularidade, esses processos atualizam e redefinem questões para suas bases teóricas (como a relação razão/utopia) e para o campo do realismo político, sobretudo a formulação de conceitos e doutrinas, linhas programáticas e tomadas de decisão, e eventuais contradições.

De fato, o fim da Guerra Fria alterou dramaticamente o cenário e as perspectivas históricas. No entanto, poderíamos afirmar que, na atual conjuntura, houve uma efetiva superação da rivalidade bipolar, e/ou de suas premissas, e de uma paz militarizada que caracterizou aquele período? Que novas condições existem nas relações internacionais, na política mundial? Como explicar a transformação desse processo e a natureza da violência social contemporânea, em suas diferentes formas e expressões? Nessa perspectiva, a reavaliação da categoria exterminismo – e de seus fundamentos – pode contribuir para a interpretação desses e de outros temas e questões.

E. P. Thompson não chegou a elaborar uma nova teoria, mais abrangente, que pudesse oferecer um tratamento mais preciso e adequado, como se propôs. Como categoria de análise, o exterminismo não respondeu completamente a suas inquietações e às questões provocadas; porém, tem o mérito de explicar uma determinada situação, um fenômeno historicamente marcado e estimular novos debates. Expressa, portanto, um processo determinado de transformação das

relações sociais e deve ser compreendido em função da ideia de lógica histórica definida pelo autor.⁷³

Assim, as advertências de Thompson em seus textos sobre o exterminismo podem soar visionárias, mas são tragicamente atuais. Talvez menos pela perspectiva de uma guerra nuclear (como ele imaginou), mas pelo reconhecimento da permanente capacidade de transformação do capitalismo e de reproduzir ou criar novas formas de violência em suas relações, como é próprio de sua lógica.

Vivemos um momento adequado para rever e atualizar as ideias de Thompson e as plataformas dos movimentos pacifistas de que participou e das lutas que empreendeu. Suas perguntas e propostas adquirem agora um renovado sentido e maior relevância, pois, justamente, ele procurou pensar um novo mundo *além e depois* da Guerra Fria e demonstrar como uma nova ordem mundial, democrática, poderia existir e funcionar, em função dos esforços *conjuntos* dos cidadãos. Afinal, à medida que essa arena global se abre a novos alinhamentos e conflitos, antes inexistentes devido à dissuasão ou ao equilíbrio do terror bipolar, formam-se, ao mesmo tempo, espaços para uma nova sensibilidade política, novos argumentos, mas também para novas tensões e ameaças.

É com base nesse contexto que categorias como exterminismo e luta de classe guardam e readquirem relevância teórica e política. Ao percorrermos as obras e a trajetória intelectual e política de Thompson, identificamos um tema recorrente: a relação entre razão e utopia. Ele defende sistematicamente sua proposta de lógica histórica, o princípio da ação humana (*agency*) e a razão, principal sentido de seu método e de sua ética, como afirmamos. Para Thompson, há uma racionalidade no processo histórico que assegura a inteligibilidade da ação dos sujeitos, da formação de classe, de sua organização e consciência, e das condições de resistência e luta de classe. Mas, ao mesmo tempo, ao lado desse *sentido de razão*, advoga um princípio de utopia, vital a qualquer luta por projetos

alternativos, de resistência e de transformação da sociedade. Seus textos e seu empenho contra o estruturalismo (seus princípios e efeitos) e a corrida armamentista (pelo desarmamento nuclear), e pela reafirmação do pacifismo e do humanismo socialista, como objetivos e princípios relevantes, não ingênuos ou “românticos”, são bons exemplos dessa atitude. Enfim, devemos sempre lembrar que, para Thompson, teoria sempre *tem* consequências!⁷⁴

Notas

* Pós-doutorado, com Bolsa do CNPq, junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/IFCS, UFRJ. Professor associado do Depto. de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do Núcleo de Transformações do Mundo do Trabalho (TMT) e do Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro), vinculados a esse Depto. e Programa. E-mail: ricardogmuller@uol.com.br

¹ As traduções são originais do autor, quando não houver outra indicação.

² THOMPSON, E. P. *The Poverty of Theory, and other essays*. Londres, Merlin, 1978.

³ THOMPSON, E. P. Theory and Evidence. *in: History Workshop Journal*. 35, Spring 1993, Letter, pp. 274-275. Trata-se de uma carta-resposta de Thompson aos artigos de Raphael Samuel (Reading the Signs I e II), publicados nos nos. 32 e 33 de *History Workshop*, em 1991 e 1992. Nessa carta (talvez sua última publicação) Thompson reafirma seu princípio de que “teoria e evidência devem estar sempre em diálogo entre si”; manifesta seu desconforto com as observações de Raphael Samuel sobre aspectos de sua obra (em particular o ensaio “The sale of wives”); lamenta a hesitação teórica de Samuel na abordagem dos problemas conceituais da época e critica a influência pós-moderna no campo da História.

⁴ MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2012.

⁵ Para mais informações sobre E. P. Thompson, ver, por exemplo, além do referido estudo de Marcelo Badaró Mattos: BLANK, Gary. *The Centrality of Social Relations: E.P. Thompson’s Concept of Class and the Renewal of Historical Materialism*. *in: http://workersoftheworldjournal.net*, January 2014, pp. 6-33; FIELDHOUSE, Roger and TAYLOR, Richard (ed). *E. P. Thompson and English Radicalism*. Manchester University Press, 2014; MÜLLER, Ricardo G. E. P. Thompson e a ‘Miséria da Teoria’: razão e apatia. *in Rey Desnudo*, n. 3, Buenos Aires, Primavera 2013, p. 282-311 (Suplemento: Jornadas Interdisciplinares “¿Qué hacer con E.

P. Thompson?"); HAMILTON, Scott. *The crisis of theory: E. P. Thompson, the new left and postwar British politics*. Manchester University Press, 2012; MÜLLER, Ricardo G. e DUARTE, Adriano L. (orgs.). *E. P. Thompson: política e paixão*. Chapecó, Argos/Unochapecó, 2012; MULLER, Ricardo G. A ideia de exterminismo em E. P. Thompson: realismo e contradição. in: MISSE, Michel; WERNECK, Alexandre (orgs.). *Conflitos de (grande) interesse: estudos sobre crimes, violências e outras disputas conflituosas*. Rio de Janeiro, Garamond e FAPERJ, 2012, pp. 305-336; MÜLLER, Ricardo G. e MUNHOZ, Sidnei J. “E. P. Thompson”. In: LOPES, Marco Antonio e MUNHOZ, Sidnei José (orgs.). *Historizadores do nosso tempo*. S. Paulo, Alameda, 2010, pp. 31-52; MÜLLER, Ricardo G. Revisitando E. P. Thompson e a “Miséria da Teoria”. in: *Diálogos*. Maringá, UEM, v. 11, n. 1-2, p. 97-136, 2007; WOOD, Ellen M. *Democracia contra capitalismo*. S. Paulo, Boitempo, 2003; PALMER, Bryan D. *E. P. Thompson: Objections and Oppositions*. London, Verso, 1994; PALMER, Bryan D. *Descent into Discourse: The Reification of Language and the Writing of Social History*. Philadelphia, Temple University Press, 1990; KAYE, Harvey J. e McCLELLAND, Keith (eds.) *E. P. Thompson: Critical Perspectives*. Cambridge, Polity Press & Oxford, Blackwell, 1990; PALMER, Bryan D. *The Making of E. P. Thompson: Marxism, Humanism, and History*. Toronto, New Hogtown Press, 1981.

⁶ THOMPSON, E. P. *Writing by Candlelight*. Londres, Merlin, 1980a, p. 267.

⁷ THOMPSON, E. P. *Beyond the Cold War*. Londres, Merlin/END, 1982a, p. 25.

⁸ Os principais acontecimentos de 1956 têm um importante significado político para Thompson e para sua motivação em defender essa memória e tradição de compromissos. Entre eles estão: o relatório de Krushev, em uma Assembleia do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), sobre os crimes da era Stalin; a invasão da Hungria (Budapeste) pelas tropas soviéticas; os incidentes envolvendo o controle do Canal de Suez e a tentativa de derrubar Nasser do governo do Egito.

⁹ Importante exemplo dessa concepção foi o periódico *The New Reasoner*, editado por Thompson e por John Saville, entre 1957 e 1959. Como reafirma seu subtítulo, “A Quarterly Journal of Socialist Humanism”, o eixo de sua linha editorial era a defesa do humanismo socialista, uma expressão de revolta contra o stalinismo ainda presente nos círculos comunistas hegemônicos à época. Participaram de seu Conselho Editorial intelectuais como Dorothy Thompson, Peter Worsley, Charles Taylor, Ken Alexander, Ronald Meek e Doris Lessing. *The New Reasoner* resulta da experiência de outra publicação dos mesmos autores, *The Reasoner*, editada entre 1956 e 1957, de forma artesanal (impresa em mimeógrafo) e dirigida contra as atitudes e decisões do Partido Comunista Britânico. Em dezembro de 1959, *The New Reasoner* se associou a outro periódico, *Universities and Left Review* (então coordenado por Stuart Hall), criando a revista *New Left Review*, editada em Londres e ainda em circulação.

¹⁰ *Campaign for Nuclear Disarmament* (CND), fundada em 1958. Sua página na internet (www.cnduk.org) revela que o grupo continua ativo, promove debates e manifestações, e está integrado às atuais redes sociais.

¹¹ THOMPSON, E. P., *Op. Cit.*, 1980a, p. 272.

¹² WILLIAMS, Raymond (org). *May Day Manifesto: 1968*. Harmondsworth, Penguin, 1968.

¹³ Dados os limites do artigo, não é possível oferecer mais exemplos sobre as análises políticas, técnicas e militares de E. P. Thompson sobre esses temas. Para maiores informações, consultar seus livros e textos aqui referidos.

¹⁴ THOMPSON, E. P. (org). *Exterminism and Cold War*. Londres, Verso/New Left Books, 1982b, p. 4-5.

¹⁵ THOMPSON, E. P. (org), *Op. Cit.*, 1982b, pp. 332, 338.

¹⁶ THOMPSON, E. P. (org), *Op. Cit.*, 1982b, pp. 20-24.

¹⁷ THOMPSON, E. P. “Os fins da Guerra Fria: uma resposta”. in: BLACKBURN, Robin (org). *Depois da queda*. S. Paulo, Paz e Terra, 1993, pp. 73-85.

¹⁸ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1993, p. 74. Esses trechos fazem parte da resposta de E. P. Thompson ao artigo de Fred Halliday, “The Ends of Cold War”. In: *New Left Review*, n. 180, 1990, pp. 5-23.

¹⁹ THOMPSON, E. P. (org), *Op. Cit.*, 1982b, pp. 22.

²⁰ THOMPSON, E. P. (org), *Op. Cit.*, 1982b, pp. 27, 28. A categoria de exterminismo também se orientava pela crítica ao princípio de estratégia militar conhecido como MAD (*Mutual Assured Destruction*), “Destruição Mútua Assegurada”. Coincidência ou ironia, em inglês, *mad* admite um espectro de significados no campo da loucura, ira e raiva.

²¹ Cf. THOMPSON, E. P. (org), *op. cit.*, 1982b, p. 1- 2. Sem maiores detalhes, Thompson comenta que “a Primeira Guerra Mundial e o colapso do nazismo seriam exemplos de militarismo e imperialismo caminhando na direção de seus próprios fins”. Para outras reflexões, ver: HARVEY, David. *O novo imperialismo*. S. Paulo, Loyola, 2004; WOOD, Ellen M. *Empire of Capital*. London, Verso, 2005; FOSTER, John. *Naked Imperialism: The US Pursuit of Global Dominance*. New York, Monthly Review Press, 2006.

²² Comentário de Thompson em resposta ao artigo de Roy e Zhores Medvedev, “The USSR and the Arms Race”, In: THOMPSON, E. P. (org), *op. cit.*, 1982b, pp. 153-174. Para eles o sistema soviético havia se burocratizado para conduzir uma guerra nuclear de modo mais eficiente, como simples reação ao militarismo dos EUA.

²³ THOMPSON, E. P. (org). *Op. Cit.*, 1982b, p. 332 e 333.

²⁴ Ver também KALDOR, Mary. “Interview with Mary Kaldor”, *Telos*, n. 51, Spring, 1982, p. 90.

²⁵ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1982a, pp. 17-18.

²⁶ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1982a, p. 18.

²⁷ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1982a, p. 23.

²⁸ THOMPSON, E. P. e Smith, Dan (orgs). *Protest and Survive*. Nottingham, pamphlet, 1980b, p. 33. A publicação do manifesto foi patrocinada pela Bertrand Russell Peace Foundation e pela CND. Ver também: entrevista de E. P. Thompson e Cory Coll, conduzida por Harry Kreisler, do Institute of International Studies, Berkeley, em agosto de 1983, sobre “armas nucleares, corrida armamentista e os movimentos pela paz”, ver <http://globetrotter.berkeley.edu/conversations>

²⁹ Thompson formulou suas ideias sobre política como teatro e representação de poder e sobre o contra-teatro no protesto dos movimentos populares, especialmente em seus trabalhos sobre as formas de rebelião nas sociedades pré-industriais e nos primeiros momentos do movimento operário. Ver a respeito: “Patrician Society, Plebeian Culture”. in: THOMPSON, E. P., *Journal of Social History*, vol. 7, n. 4, pp. 383-405, 1974, e “Patrícios e Plebeus”. In: THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 25-85. A esfera teatral do exercício do poder político busca conformar os governados, manter seu consentimento, ativo ou passivo; perpetuar o respeito às normas, valores e símbolos; fixar os limites do politicamente possível e tolerável. Constitui parte fundamental da hegemonia o domínio não baseado diretamente na coerção material. Para se avaliar a relação entre a ideia de teatro e a lógica da estrutura da Guerra Fria, ver a seção “The ‘Theatre’ of Apocalypse” (“O ‘Teatro’ do Apocalipse”) do ensaio “Notes on exterminism, the last stage of civilization”. In: THOMPSON, E. P. (org), *op. cit.*, 1982b, pp. 8-11.

³⁰ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1982a, p. 2.

³¹ THOMPSON, E. P. *The Heavy Dancers*. Londres, Merlin, 1985a, p. 245.

³² THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1980a, p. 275.

³³ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1978, p. 385.

³⁴ THOMPSON, E. P. (org). *Op. Cit.*, 1982b, pp. 24, 30.

³⁵ Além de constituir um movimento pacifista contra as armas de destruição em massa, a favor dos direitos humanos e da preservação ecológica, a European Nuclear Disarmament (END) foi criada como um modelo de “coletivo” para oferecer uma teoria geopolítica alternativa para movimentos sociais em luta contra o potencial extermínio da humanidade. Liderado por Thompson, o Movimento reuniu os principais líderes da CND, da International Confederation for Disarmament and Peace e Pax Christi. A END diferenciava-se da CND ao propor uma perspectiva mais internacionalista na análise da corrida armamentista e tentar coordenar a luta por um projeto alternativo para a Europa. Para mais informações sobre a END e movimentos pacifistas, consultar, em especial, obras e entrevistas de Mary Kaldor.

³⁶ Ver o documentário *Sob a névoa da guerra* (“The Fog of War: Eleven Lessons from the Life of Robert S. McNamara”), em que Robert McNamara – secretário de Defesa dos Estados Unidos nos Governos Kennedy e Johnson – comenta criticamente suas experiências e seu envolvimento em episódios relevantes desse período (dirigido por Errol Morris; Sony Pictures Classics, 2003).

³⁷ THOMPSON, E. P. (org). *Op. Cit.*, 1982b, p. 30.

³⁸ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1985a, p. 19.

³⁹ O Movimento Carta 77 (Charta 77) lutou pela garantia dos direitos humanos na então Tchecoslováquia, sobretudo de 1977 a 1990. “Schwerter zu Pflugscharen” (“De espadas para arados”) era o slogan das faixas carregadas pelos manifestantes pacifistas, que lutavam pela reunificação das duas Alemanhas e contra a corrida armamentista (nuclear), em meados dos anos de 1980. Um dos mais proeminentes representantes dessa luta foi Robert Havemann, um dos autores do Berlin Appeal (Apelo de Berlin), com ampla repercussão nos dois lados do muro.

-
- ⁴⁰ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1985a, p. 19.
- ⁴¹ Sobre a noção de internacionalismo, ver também SUKHOV, Michael J. “E. P. Thompson and the Practice of Theory: Sovereignty, Democracy and Internationalism”. *Socialism and Democracy*, Vol. 5, n. 2, 1991, pp. 105-140.
- ⁴² THOMPSON, E. P. (org). *Op. Cit.*, 1982b, p. 29.
- ⁴³ THOMPSON, E. P. “Ends and Histories”. In: KALDOR, Mary (org). *Europe from below: an East-West dialogue*. London, Verso, 1991, p. 12.
- ⁴⁴ THOMPSON, E. P. (org), *op. cit.*, 1982b, p. 24.
- ⁴⁵ No caso, os eventos da 2ª metade da década de 1980, em especial o Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty ou INF Treaty (United States-Union of Soviet Socialist Republics [11 de dezembro de 1987]). Ver a respeito, BROMLEY, Simon e ROSENBERG, Justin. “After exterminism”. *New Left Review*, I, 168, 1988, pp. 66-94.
- ⁴⁶ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1991, p. 12.
- ⁴⁷ Cf. THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1991, pp. 7-25, in: KALDOR, Mary (org.), *op. cit.*, 1991. O ponto de partida do ensaio é uma crítica de Thompson à ideia de “fim da história”, conhecida especialmente por meio dos ensaios de Francis Fukuyama, mas defendida também por outros autores, em seus diferentes matizes. Sobre o tema, ver, por exemplo, *Atrator Estranho – Fim da História*, S. Paulo, ECA/USP, n. 19, jan. 1996.
- ⁴⁸ THOMPSON, E. P. The Ends of Cold War. in: *New Left Review*, I/182, July-August 1990, pp. 139-146.
- ⁴⁹ Ver THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1990, pp. 141-142 e THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1985a, pp. 35-48.
- ⁵⁰ Cf. THOMPSON, E. P. The Ends of Cold War. 1991a, pp. 100-109. in: BLACKBURN, Robin (org). *After the Fall*, London. Verso, 1991. Ver também a edição brasileira, THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1993, pp. 73-85. in: BLACKBURN, Robin (org), *op. cit.*, 1993.
- ⁵¹ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1990, p. 142-143.
- ⁵² KALDOR, Mary. *Op. Cit.*, 1990, pp. 25-37.
- ⁵³ Pode-se afirmar que Thompson, Kaldor e outros participantes desses movimentos – mesmo críticos mais radicais de Thompson, como Mike Davis e Fred Halliday – não perceberam o redesenho das mudanças econômicas e suas consequências sociais e políticas. Para além dos temas específicos da corrida armamentista e da ameaça nuclear, as bases e os princípios da estratégia neoliberal já estavam postos em fins de 1979.
- ⁵⁴ COX, Michael, “Radical Myths and Superpower Relations in the 1980s”. *Paradigms*, Vol. 6, n. 1, 1992, pp. 158-179.
- ⁵⁵ KONRAD, George. “From Communism to Democracy”, 1991, pp. 49-65, e GALBRAITH, John Kenneth, “Revolt in our Time: the Triumph of Simplistic Ideology”, 1991, pp. 67-74. In: KALDOR, Mary (org), *op. cit.*, 1991.
- ⁵⁶ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1993, pp. 75-76.
- ⁵⁷ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1978, pp. I-II.
- ⁵⁸ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1982b, p. 1.
- ⁵⁹ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1978, p. IV, p. 24.
- ⁶⁰ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1978, p. IV.

⁶¹ Ver os conceitos de universalismo e particularismo, na direção de um “universalismo mais universal”, conforme as reflexões de Wallerstein. *in*: WALLERSTEIN, Immanuel. *European Universalism: the Rhetoric of Power*. New York, New Press, 2006. Ver também BESS, Michael. *Choices under Fire: Moral Dimensions of World War II*. New York, Alfred A. Knopf, 2006, p. 7, sobre o “imperativo internacionalista” relacionado às experiências de guerra, especialmente no caso da Segunda Guerra Mundial.

⁶² NAIRN, Tom. *The Break-up of Britain: crisis and neonationalism*. 3rd ed, London, Verso, 2003.

⁶³ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1978, pp. III-IV.

⁶⁴ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1991, p. 13.

⁶⁵ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1985a, p. 150.

⁶⁶ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1991, p. 13.

⁶⁷ Sobre suas recentes reflexões, ver FUKUYAMA, Francis. *America at the Crossroads: Democracy, Power, and the Neoconservative Legacy*. New Haven, Yale University Press, 2007.

⁶⁸ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1991, p. 20.

⁶⁹ EAGLETON, Terry. *After Theory*. New York, Basic Books, 2003, pp. 221-223. Retiramos esses argumentos do “Postscript” a essa edição, não incluído na edição brasileira de 2005.

⁷⁰ A esse respeito, ver também os conceitos de universalismo e particularismo, e de “geocultura de legitimação”, de Wallerstein, contribuições importantes para uma análise em uma perspectiva histórico-mundial. Cf. WALLERSTEIN, Immanuel: “As agonias do liberalismo: as esperanças para o progresso”. In: SADER, Emir e BLACKBURN, Robin (orgs). *O mundo depois da queda*. S. Paulo, Paz e Terra, 1995, pp. 31-50; *Após o liberalismo: a busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis, Vozes, 2002; e *op. cit.*, 2006. Ver também: ARANTES, Paulo Eduardo. *Zero à esquerda*. S. Paulo: Conrad, 2004, pp. 184-189.

⁷¹ Para uma análise mais recente e profunda do tema, ver LOSURDO, Domenico. *A Linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*. S. Paulo, Boitempo, 2010.

⁷² Outras análises relevantes: POSTONE, Moishe; SANTNER, Eric L. (ed). *Catastrophe and Meaning: the Holocaust and the 20th Century*. Chicago, University of Chicago Press, 2003; HARVEY, David, *op. cit.*, 2004; FOSTER, John e MCCHESENEY, Robert W. *Pox Americana: exposing the American empire*. New York, Monthly Review Press, 2004; WOOD, Ellen M. *Op. Cit.*, 2003 e 2005; BESS, Michael, *op.cit.*, 2006; FOSTER, John. *Naked Imperialism: The US Pursuit of Global Dominance*. New York, Monthly Review Press, 2006; POSTONE, Moishe. History and Helplessness: Mass Mobilization and Contemporary Forms of Anticapitalism. *in: Public Culture* 18:1, p. 93-110, 2006; AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. 2 ed., S. Paulo, Boitempo, 2007; ARANTES, Paulo Eduardo. *Extinção*. S. Paulo, Boitempo, 2007; GOKHALE, Anil P.. *Condensation and condescension in dreams and history: from Sigmund Freud to E. P. Thompson*. Milton Keynes, Authorhouse, 2008; KESSLER, Gabriel. *El sentimiento de inseguridad: sociología del temor al delito*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2009; RUIZ JIMENEZ,

José Angel. *Contra el reino de la bestia: E. P. Thompson, la conciencia crítica de la guerra fría*. Granada, Editorial de la Universidad de Granada (EUG), 2009.

⁷³ Sobre a lógica histórica, ver THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1978, seção VII, pp. 229-242.

⁷⁴ Intervenção de Thompson durante o seminário “People’s History and Socialist Theory”, promovido pelo Ruskin College e grupo History Workshop, em Oxford, dezembro de 1979. Gravação disponível na biblioteca do Ruskin College, mas não incluída no livro com os textos apresentados nesse encontro, cf.: SAMUEL, Raphael (ed). *People’s History and Socialist Theory*. London, Routledge & Kegan Paul, 1981.

Data de envio: 15/07/2013.

Data de aceite: 30/07/2013.